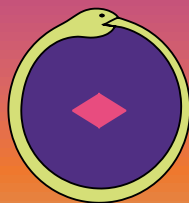
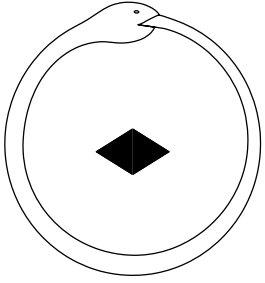


MEMÓRIA NÃO QUEIMA
Ailton Krenak



cadernos
SELVAGEM



MEMÓRIA NÃO QUEIMA

Ailton Krenak

Este caderno é a transcrição de uma das falas de Ailton Krenak na Vigília da Oralidade – Memórias Ancestrais, que aconteceu da noite do dia 15 ao raiar do dia 16 de abril de 2023, nos jardins do Museu Nacional do Rio de Janeiro.

A experiência de estarmos aqui, juntos, vivendo um fluxo de comunicar uns aos outros um estado de atenção tão sensível, em que a gente conseguiu dançar com a chuva e com o fogo, com a água e com o fogo. Em alguns momentos teve gente com a disposição de ficar falando com chuva, alguns resistindo sob o guarda-chuva, essa dança de a gente ir pra tenda, voltar pra cá, ir pra lá, foi uma experiência de dançar tão imprevisível; mas ela dá oportunidade pra experimentarmos no nosso próprio corpo o que a querida Sandra Benites insiste em falar: ouvir com o corpo, *ouvir com o corpo*. E a experiência de ouvir com o corpo foi amplamente ofertada por essa vigília que nós nos dispomos a fazer, porque ela ganhou essa companhia tão especial do clima, a alternância de chuva com a estiada foi criando a atmosfera do nosso encontro de uma maneira tão surpreendente que nenhum de nós podia imaginar, né?

Eu ao menos não imaginava o que a gente faria se começasse a chover... E essa experiência acrescentou pro coletivo vasto, e pra nós todos, com diferentes disposições para esses encontros, porque nem todos nós estamos acostumados a esse ritual, mas o estado de atenção que foi se estabelecendo dá até a possibilidade de imaginarmos que, se a gente se dispôs a uma vigília, idealmente uma vigília ia supor um programa, né? Numa vigília você cria um programa onde acontecem diferentes falas, intervenções, performances. Nós tivemos essa experiência tão rara de a gente não ter que fazer isso. Os presentes que nós ganhamos com a fala de uma anciã se revelando essa experiência viva de um

corpo-memória, um corpo que se abre para a memória, abre pra memória dos seus ancestrais – e nessa disposição de um corpo abrir-se para a memória, a gente viu aqui, experimentamos aqui, várias expressões de um corpo espiritado.

Eu estava conversando com a Amora, ela me deu um exemplar do livro dela – *Bote*¹ –, e a gente ficou experimentando o breve intervalo entre o momento em que o Papá falou e trouxe esse canto, esse rezo que nos tomou a todos, depois um silêncio em que cada um de nós se moveu por aqui, andando, parando em algum lugar, como se estivéssemos com a espontaneidade de fazer a vigília em si. Ela não precisa de um roteiro, ela tem espontaneidade. Essa disposição que parece que evocamos quando nos encontramos aqui e abrimos essa comunicação.

Eu me lembro que eu tinha falado da memória como uma possibilidade de sermos corpos cheios de memória, de viver a experiência de um corpo-memória. Eu falei do corpo-território, do corpo-memória, e eu fiquei maravilhado de ver que as minhas irmãs que foram falar depois falaram o tempo inteiro de corpo-memória. E de território. Porque uma retomada é uma retomada de um território. E como a gente está compartilhando essa experiência multicultural, pluricultural, totalmente atravessada de experiências individuais, é muito interessante se permitir essa certa promiscuidade de um entrar na memória do outro. É isso que nós estamos fazendo: estamos entrando um na memória do outro. E deve ser uma experiência muito mais enriquecedora do espírito do que aquela outra que eles nos propõem, que é invadir a nossa memória com esses aparatos todos que estão se multiplicando, abordando a gente como se a gente fosse algoritmos. E seria muito interessante a gente produzir uma reação espiritada contra o algoritmo, porque seria se ocupar de uma outra disposição onde você não está vazio; mas não estar vazio pode ser uma experiência plural. Ela não precisa ser a mesma, ela pode ser plural.

Fiquei pensando em compartilhar com vocês essa observação de estar em algum lugar aqui, sentado em algum desses lugares, ou de pé debaixo da chuva, mas sentindo que a gente conseguiu o ensejo da vigília, quer dizer, uma disposição, e isso é muito reconfortante: imaginar

1. *Bote*, de Amora Pêra, foi publicado pela Dantes Editora em 2021.

que nós somos capazes de nos dispormos a alguma atitude criativa pra lembrar a expressão do Fábio Scarano, uma atitude *regenerante de Gaia*². Algumas pessoas podem imaginar que atuar como regenerante de Gaia implica numa atitude ativa, consciente, disposta e, quem sabe, ativando algum processo fora da gente; e eu estou experimentando com vocês que regenerantes de Gaia são espontâneos dessa maneira. Eles são capazes de produzir essa experiência em si mesmos.

Eu tenho pensado sobre o descolamento que a nossa rara espécie vem fazendo dos outros seres vivos, das plantas, dos organismos todos, daqueles remédios todos; o descolamento que nós vamos fazendo do corpo da terra, até a abstração de achar que cada um de nós é um indivíduo, o que deve ser um esforço enorme, né? Ficar pensando isso. Porque, de verdade, mesmo, nós não somos. De verdade, nós somos esse vasto organismo que pode experimentar aquilo que eu chamei de promiscuidade, onde as memórias não são privadas. As memórias, elas são universais, todo mundo tem memória. E seria até interessante a gente imaginar que, se a gente concorda que todo mundo tem memória, a gente também pode considerar que nem todo mundo se lembra que tem memória.

O Kopenawa Yanomami dá um toque pra gente: ele diz que tem gente que vive com o pensamento cheio de esquecimento. Esquecimento... “Ah, o pensamento dele é cheio de esquecimento”. Então parece um paradoxo, como é que alguém pode ter pensamento cheio de esquecimento? Um pensamento cheio de esquecimento é um corpo sem memória. Já que nós estamos fazendo uma vigília evocando memória, seria o maior barato a gente começar por nós mesmos, nos enchendo de memória, vazando memória pelos sete buracos da nossa cabeça.

Porque se a gente pode vazar memória pelos sete buracos da nossa cabeça, a gente cria sintropia, sinergia... A gente cria fluxo do que pode ser melhor, e que nós somos capazes de produzir, numa experiência de mundo meio fraturada.

Eu fico partido quando eu escuto as minhas irmãs falando das suas experiências de libertação de traumas que são implicitamente étnicos – a gente podia chamar de culturais –, mas que na verdade não é só, ele é da

2. *Regenerantes de Gaia*, de Fabio Scarano, foi publicado pela Dantes Editora em 2019.

nossa própria espécie, em qualquer lugar do mundo, em qualquer cultura você vai encontrar pessoas que se abrem para uma experiência espiritada.

Eu estava comentando com a Amora que eu ganhei essa expressão de uma pessoa que só fala *Maxakali*, e ele queria me dizer alguma coisa parecida com “alguém que vivia num estado de espanto”, e eu achei genial *espanto* e *espiritado* serem sinônimos. Aí eu estava lembrando que a maioria de nós prefere viver espantado do que viver espiritado. Porque talvez a ideia de espiritado tem a ver com a ideia de uma memória que vaza, que transcende e que bagunça com a nossa noção de indivíduo. Ela desloca a nossa fixação numa individualidade, tipo: “Ah, aqui está desconfortável”, “Puxa, caiu uma gota na minha cabeça”... Você só sente isso porque você acha que tem uma cabeça, porque se for um corpo totalmente espalhado, espiritado, a gota cai em qualquer lugar, não precisa ser na minha cabeça.

Olha como a observação sensível dessa experiência de memória comunica com tantas outras dimensões da nossa própria experiência de ser. Como que uma mulher que claramente repudia a ideia de ficar numa disciplina é avisada o tempo inteiro de que ela não decide nada e que as suas experiências espiritadas acontecem de maneira involuntária. A pessoa vive a experiência, literalmente, de uma invasão, uma invasão gentil, porque ela é feita por pessoas que te amam: sua avó, seu pai, sua mãe, seus ancestrais... Confundindo a sua individualidade e interpondo uma consciência plural de uma pessoa que descobre que tem super poderes. O que são esses super poderes? Fazer um parto, fazer uma cura, fazer um canto, fazer chover, fazer parar de chover, dançar, cantar, experimentar o fluxo com tudo o que é vivo, quase que ensaiando uma dança cósmica, admitindo a possibilidade de que a gente transcende *em corpo*.

A gente não precisa transcender extra-corpo, a gente pode transcender em corpo, sendo corpo-memória, corpo-espiritado, que deve ser uma experiência radical e que não é alienante, é ativa, porque ela é feita de uma maneira consciente, digamos assim, se a gente pode acreditar em consciência. Mas a ideia de um pensamento cheio de esquecimento é uma grave observação sobre o nosso entorno, porque quando a gente experimenta ser um pensamento ativo, cheio de memória, não abre entrada para essa interrupção, digamos assim, da experiência de ligação

com tudo; essa disposição para um corpo-memória que talvez seja a novidade que a gente pode experimentar, compartilhar, transmitir.

Na plataforma Selvagem tem um trabalho que a gente fez há muito tempo, e que o Idjahure caçou esse material, ativou ele e reavivou: uma memória celebrativa do nosso querido Marçal de Souza — Tupã-Y —, que é lá daquela região conflagrada de onde a Sandra Benites fala, das lutas naquele território onde a *Ka'a*, onde essa erva que a Cris celebrou, se constituiu numa economia tão agressiva que ela foi o mote para a invasão e tomada dos territórios *Guarani* naquela região do Brasil, na fronteira com o Paraguai. Tinha uma coisa lá que podia virar mercadoria e virou. E todo mundo foi disputar aquele território da maneira mais absurda nos últimos 100 anos. Alguém vai falar “Não, mas não foi só 100 anos”, mas foi exatamente nos últimos 100 anos que aquele lugar foi devastado.

A memória do Marçal, do Ângelo Kretã e daquele nascente movimento indígena na década de 1970 foi citada aqui por algumas pessoas que lembraram da gente começando. Jovens mulheres indígenas e jovens homens indígenas se pondo numa disposição de ser memória ativa e inventando uma coisa que, se você olha à distância, agora, pelo retrovisor, você fala: “Mas como eles eram doidos, no meio de um país destroçado por uma ditadura eles inventaram de andar por aí dizendo que eles eram a União das Nações Indígenas”. Nações... Se vocês olharem, ninguém mais fala *nações*, eles falam *comunidade*. Porque é um jeito de você tirar força da palavra e submeter a palavra a uma ordem baixa: comunidade. Ora, você pode ter uma comunidade de formigas, pode ter uma comunidade de abelhas, pode ter uma comunidade de árvores, pode ter uma comunidade de peixes. Mas quando se juntam pessoas, sujeitos ativos capazes de pensar politicamente, é mais parecido com nação do que com comunidade. E foi isso que a gente pensou: “Nós somos nações, nações indígenas, uma porção delas”. Mas a gente era tão invisível que parecia que a gente estava pirando. A gente insistiu tanto em pirar que nós estamos aqui.

Olhe ao seu redor, observe. Olha como que essa nação ficou plural, multicolorida, interétnica, totalmente estrangeira de si... Que é uma trilha dessa ideia de memória expandida, memória que atravessa uma

experiência física que está ali, patrimônio cultural, material, físico: tijolo, pedra, cal... Que pega fogo. Que some, consome. E está do lado de cá uma constelação de memória viva, ativa, que não queima. Porque a capacidade dessas memórias é exatamente se transmitir, elas fazem contágio. E por fazer contágio, não se encerra no fogo, ela escapa do fogo.

Eu lembrei do Eduardo Galeano, com aquela citação dele de “memórias do fogo”, quando ele fala dos povos nativos do continente, ele vai lá no século XVII, nos primórdios da invasão espanhola, portuguesa, inglesa, francesa, holandesa, *esa, esa, esa, esa* pra dizer o seguinte: “Era pra ter acabado. Como que continua existindo uma memória tão oculta e vasta nisso que a gente chama de continente americano depois de tanta devastação? Os povos originários já eram pra terem esquecido quem são, não era mais pra ter esse reclame”. Eu acho maravilhoso que esse reclame seja vivo e a consciência de que ele perdura mesmo quando acabar tudo. E é uma percepção sobre a memória como alguma coisa que não depende do corpo, mas que seria muito interessante a gente ter corpo de memória, cada pessoa ser um corpo de memória.

O pessoal que trabalha com saúde mental, o pessoal que trabalha com outras terapêuticas sabe que uma das coisas que mais assola a humanidade hoje é o vazio, e esse vazio é existencial. O que é uma bobeira, pois as pessoas poderiam estar cheias de memória. Se as pessoas estivessem cheias de memória, ia ser bem difícil produzir esse vazio existencial. As falas que a gente ouviu aqui, elas são todas assim tão espontâneas, mostrando como que esse ocupação de si por uma memória ativa, criativa, curativa é tão possível que seria estranho a gente imaginar que é de privilégio só de alguns corpos. A gente estaria instituindo um novo privilégio, que é o privilégio de ter memória.

Eu não renuncio a isso, eu não acredito que a memória seja um privilégio, eu acredito que a memória é uma herança ancestral de todos nós, todos.

Uma vez, um menino daqui do Rio de Janeiro, depois que leu o livro *Ideias para adiar o fim do mundo*³, mandou uma mensagem pra mim dizendo que ele já estava com 16, 17 anos e nunca tinha prestado atenção

3. *Ideias para adiar o fim do mundo*, de Ailton Krenak, foi publicado pela Companhia das Letras em 2019.

nas montanhas. Ele é daqui, do meio dessas montanhas. Ele falou comigo: “Cara, eu nunca tinha prestado atenção que eu podia me ligar com essas montanhas todas aqui, até com o mar eu consigo, mas com as montanhas, depois que você falou que tem uma montanha na frente da sua aldeia que você conversa com ela, eu comecei a conversar com as montanhas daqui. E agora eu tô sabendo”. Então eu falei: “Nossa, que cara interessante. Um menino de 16, 17 anos decidiu que agora, além do mar, ele também conversa com as montanhas”. Estabeleceu um sentido. E será que a gente é capaz de despertar sentido pelas coisas que nós achávamos que estavam dormindo? Que uma montanha estava dormindo, que um rio estava dormindo?

Memória, para mim, é algo tão, tão fabuloso que eu acho que ela não cabe num museu. Mas a gente tem essas instituições em todo lugar, no mundo inteiro a gente tem essas instituições e culturalmente a gente supervaloriza elas. Porque a gente precisa delas exatamente para suprir a nossa falta de memória. Então, às vezes, a gente promove uma visita da meninada no museu pra eles conhecerem a sua própria história. Mostrando pra eles aqueles personagens e tal, aquela cena, isso, aquilo... Que é uma maneira muito precária de construir a memória. Toda fragmentada, cheia de recorte, sem nenhum afeto entre os sentidos. E, na maioria das vezes, instituída por imagens ilustrativas.

Eu achei interessante quando a Lilia Schwarcz falou que imagem não é ilustração. Aí eu fui pensar no que ela estava falando, que imagem não é ilustração. Acontece que, nas nossas instituições de museu, galeria, literatura, na história, a História, ela é construída de ilustrações, imagens que ilustram, ilustram a cena... Está lá, ilustrando. Se a gente pode questionar que imagem não é ilustração, a gente tinha que entrar na imagem para ver o que é que está escondido lá dentro; seria entrar nessas instituições como o museu, a galeria, o campo da arte e questionar essas imagens, se elas são as imagens que a gente quer instituir ou se elas são imagens interpostas entre nós e a nossa memória. Porque se tiver uma imagem interposta entre eu, você e a memória, a gente vai ter sempre um engano. É um engano, a gente pensa “Olha ali a minha memória”, não é, é uma imagem, uma imagem instituída.

Os museus, as galerias e isso que a gente chama de *sistema da arte* vivem produzido metáforas pra gente ficar consumindo como se

fossem memória. Tomara que, quando a gente reativar esse espaço do Museu Nacional, ele seja implicado com essa visão crítica de ele ser uma coisa que diz a que veio, que não fique de bobeira esperando o próximo incêndio, certo? Mas, se acontecer, a gente sabe que a memória está em outro lugar. Ativar a memória viva...

E viva a Escola Viva!

AILTON KRENAK

Pensador, ambientalista e uma das principais vozes do saber indígena. Criou, juntamente com a Dantes Editora, o Selvagem – ciclo de estudos sobre a vida. Vive na aldeia Krenak, nas margens do rio Doce, em Minas Gerais. É autor dos livros *Ideias para adiar o fim do mundo* (Companhia das Letras, 2019), *O amanhã não está à venda* (Companhia das Letras, 2020), *A vida não é útil* (Companhia das Letras, 2020) e *Futuro ancestral* (Companhia das Letras, 2022)

O trabalho de produção editorial dos Cadernos Selvagem é realizado coletivamente com a comunidade Selvagem. A coordenação editorial é de Mariana Rotili e a editoração de Isabelle Passos. Agradecemos a Mariana Rotili pela transcrição da fala e Daniel Grimomi pela revisão final do caderno.

Mais informações em selvagemciclo.com.br

MARIANA ROTILI

Artista e aprendiz da floresta. Vive em Florianópolis, na floresta do canto da lagoa. Através de canções, fotografias, vídeos, performances, danças e outros escritos, vem compondo um corpo de trabalho alimentado por forças invisíveis e simbióticas. Pesquisa a voz como um caminho de conexão espiritual e integra a equipe Selvagem, à frente das Coordenações de Textos e Comunicações.

DANIEL GRIMONI

Daniel é artista e educador, licenciado em Letras pela UNIRIO e atualmente estudante de música. É autor do livro de poesia *Todo (o) corpo*

agora (2019), além de contos e poemas publicados em coletâneas e revistas diversas. Pesquisa os diálogos entre arte, ecologia e educação, e trabalha, desde o início de 2023, como assistente de produção no Selvagem.

Cadernos SELVAGEM
publicação digital da
Dantes Editora
Biosfera, 2023

